

“SE AQUELE TERRAÇO FALASSE”: SENSIBILIDADES E IDENTIDADES DE
GENÊROS NO ESPAÇO EM FESTA DAS BRAÚNAS/BARAÚNAS - PB

Janielly Souza dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
janiellysouza@yahoo.com.br

Orientadora: Regina Coelli Gomes Nascimento

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
reginacoelli2@yahoo.com.br

Foi numa pequena casa de taipa, construída no final da primeira década do século XX, que teve por origem a povoação de Baraúna, quando ainda predominava o verde das baraúnas, ou braúnas como eram chamadas. Quatro décadas mais tarde, essa casa vem abaixo, para deixar de ser de madeira e barro para ser de tijolo e telha. A partir dessa construção, um povoado se ergueria, mais tarde um distrito, e por último um município.

Nesse campo de ação, a partir da cordialidade e da habilidade comunicativa do casal Zé Lourenço e Dona Socorro, as relações de sociabilidade e solidariedade neste espaço do habitar se intensificariam. Um lugar foi erguido anteriormente à chegada de Dona Socorro, mas que vai ganhar novos ares com ela, o terraço. Diante das relações estabelecidas entre as pessoas que transitavam na bodega e residência do senhor José Lourenço e na capelinha ainda em pé e em atividade, naquele período se criou condições/necessidades de construção de um terraço ao lado direito da capela, em frente à casa do senhor Zé Lourenço.

Terraço que seria palco para realização de eventos que acabariam por promover redes de sociabilidades entre a povoação que estava nascendo, e entre os habitantes das regiões circunvizinhas. Foi neste terraço que se realizaram nas décadas de 1950 e 1960 cantoria de violas, novenas, boi de reis, festa da colheita, as primeiras festas da padroeira, e inclusive o chamado ‘pano de roda’. Nesse sentido, o lugar do terraço, ao ser convocado a realização de eventos, com o transitar das pessoas, acaba por se configurar em espaço praticado.

Partindo dessa perspectiva, é interessante percebermos dois conceitos em CERTEAU (2007), o de lugar e o de espaço (p.201-203). O lugar estaria para o instituído, o planejado. O terraço seria uma extensão da casa. Já o espaço se configura

em lugar praticado, jogo das relações mutáveis. Os usos do terraço pelos sujeitos que o habitaram, o transformaram em espaço, em lugar praticado, onde o inesperado, muitas vezes, imperava, principalmente no momento em que ele se configurava em espaço de sociabilidades e de festa.

As possibilidades poderiam ser inventadas no cotidiano que se praticara a cada momento. Podemos também dizer, que nessas festas, a produção de identidade(s) poderia ser favorecida, de acordo com preceitos da sociedade, assim como nos atenta GUARINELLO (2001),

[...] dizer que a festa produz identidade não significa afirmar que produza, necessariamente, consenso, muito pelo contrário. A festa é produto da realidade social e, como tal, expressa ativamente essa realidade, seus conflitos, suas tensões, suas censuras, ao mesmo tempo que atua sobre eles. (p.972)

Convém pensar também que junto ao terraço, diante dos eventos propostos, será colocado um lugar dos códigos comportamentais, que necessitavam ser postos efetivamente durante a realização da festa e/ou evento. O que não implica dizer que nas movimentações dos sujeitos, estes lugares do feminino e do masculino, por exemplo, não promovessem táticas.

Somando aos conceitos de lugar e espaço CERTEAU (2007), ainda nos propõe os conceitos de estratégia e tática (p.97-102). A estratégia está para o instituído, à procura de postular um lugar, um lugar de poder – um código comportamental que se procura efetivar. Já a tática está para um não-lugar, para jogar com o que lhe é imposto, o terreno do outro – a quebra de códigos comportamentais, mesmo que de maneira sutil.

Adentremos agora alguns espaços de sociabilidades e festividades que faziam parte do cotidiano da sociedade baraunense nas décadas de 1950 e 1960, alguns em maior e outros em menor intensidade no dia-a-dia das pessoas. Neste âmbito, é interessante pensar, num primeiro momento, no conceito de lazer junto a estes espaços,

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (p.34)

O tempo do lazer, considerado como um tempo em que o trabalhador tem a possibilidade de escolher as formas de divertimentos e/ou sociabilidades num determinado espaço, coloca o lazer na agenda da historiografia atual como tema relevante, na medida em que a esta temática ainda pode juntar-se a outras como o cotidiano, as relações de gêneros etc., que acabam por fazer-nos (re)pensar a sociedade que vivemos ou fomos construídos. Tem a ver com os significados de atuação junto a si mesmo e a coletividade, tem a ver com as relações de afetividade que estabelecemos com a vida e com os outros ao longo da história da nossa história.

Depois de uma semana trabalhado no roçado, na casa, no comércio, nada melhor para estas pessoas do que juntar-se a outros sujeitos, e promoverem seus afetos religiosos na missa ou na novena, colocar seus pensamentos da vida cotidiana junto às cantorias de viola, remexer os esqueletos junto à concertina, dar risadas e observar atentos o pano de roda, ou o boi de reis. Havia possibilidades de lazer para todos os gostos no tempo e no espaço aqui estudado, tinha para quem quisesse e pudesse participar diretamente, ou mesmo, para aqueles que apenas se atreviam a observar.

No espaço sagrado configurado na capela, além das missas, que incluíam os batizados, Primeira Comunhão, crisma, casamento e algumas vezes a passagem do morto, havia, também às novenas. Algumas delas tinham dois momentos, o dentro da Capela e o fora dela, no terraço. Falemos das novenas do mês de maio, de Maria, que culminaria no ‘derradeiro de maio’, onde a última parte da celebração era junto ao terraço, quando a população vinha celebrar, estabelecer seus vínculos com a Igreja e a sociedade. Segundo Dona Socorro,

Tinha, rezava o mês de maio todinho, aí juntava as flores, todo dia aquele pessoal, todo dia levava as flores, levava um buquê de flores, aí colocava lá na santa, quando era no outro dia, aquelas flores eram recolhidas e botadas lá no recanto, aí quando era no último de maio, aquelas flores, fazia uma fogueira e queimava as flores [...] Aí o pessoal cantando ao redor da fogueira [...] depois da novena.¹

Era no espaço fora da capela, ao redor da fogueira que moças e rapazes sob suspeita de olhos vigilante podiam estabelecer o *flirt*². Os namorados e noivos podiam

¹ Entrevista realizada com a senhora Maria Amélia de Araújo Dantas, Dona Socorro, no dia 23 de Agosto de 2011.

² “O flirt é uma troca de olhares. E’ talvez o início normal de quase todos os namorados, ou melhor, da maioria deles. Muitas vezes, um homem atraído por uma mulher segue-a olhando insistentemente. Se o

estabelecer conversas com suas namoradas sob vigilância dos pais ou de uma senhora casada e ‘de respeito’. Os familiares e amigos conversavam entre si, e ainda quem estava ali para cumprir os rituais sagrados até o fim, iria entoar os hinos a Nossa Senhora. Não cessavam também os pedidos de casamento junto a Maria, já que se estava no mês das noivas. Nada melhor do que pedir para que naquele ou no próximo ano estivessem realizando o matrimônio.

A troca de alianças e a construção de uma família era um desejo a ser alcançado por homens e mulheres no Povoado das Braúnas/Distrito de Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960, as últimas em maior intensidade que os primeiros. Neste campo de atuação o modelo de família seguia os padrões da sociedade brasileira dos chamados anos dourados, como nos convida a perceber BASSANEZI (2004)

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. [...] (p.608-609)

Neste campo de atuação, pensar os estudos de gênero no cenário da historiografia brasileira contemporânea é nos debruçarmos sobre um terreno rico em reflexões, na medida em que busca problematizar identidades fixas, relativas ao ser homem e ao ser mulher, desnaturalizando estas identidades e procurando analisá-las a partir da categoria de gênero e da dimensão relacional que ela abrange.³

Neste campo reflexivo RAGO (1998) nos chama a atenção para a necessidade de problematizarmos as diferenças instituídas entre os gêneros, masculino e feminino, como fruto de construções históricas e culturais. Já MATOS (1998) analisa esta possibilidade de reflexão, acrescentando a ela a observação de que estas diferenças não estão localizadas num ponto fixo – o masculino –, mas que estão presentes nas tramas históricas .

Diante do exposto, no momento em que há uma busca de problematizar a construção identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais, convém

olhar é correspondido, ele pode atrever-se a dirigir a palavra à mulher, e daí talvez resulte o namoro. Isso é o flirt.” SILVEIRA, Paulo Webber da. **Guia dos namorados**. São Paulo: Prelúdio, n/d. p.5.

³ Nesta perspectiva “um gênero só pode ser compreendido se comparado com o outro.” In: STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007. p.16.

ainda analisar o conceito de identidade. Em um primeiro momento, é interessante percebermos que a identidade, assim como o gênero, não se propõe exatamente em meio à afirmação da unidade, da igualdade, mas no contexto das diferenças. De acordo com HALL (2000), “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.” (p. 110). Identidades femininas das décadas de 1950 e 1960, foram muitas vezes, propostas a partir do masculino, do diferente, do que não deveria ser.

Num segundo momento, ainda estabeleço relacionamentos com HALL (2000) quando ele propõe:

[...] Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (111-112)

No viver em sociedade, numa espacialidade e numa temporalidade, somos chamados a compartilhar hábitos⁴, o que não exclui a inventividade, as táticas; nesse âmbito, a produção de identidades atua como ponto de encontro entre esses hábitos e os possíveis dribles. Como um processo que não pode ser ajustado por toda a vida, a(s) identidade(s) estão sempre em construção.

Outra novena, que contribuía na produção de identidades e aguçava a curiosidade da população, e o desejo de se fazer presente quando anunciada, se colocara também fora da capela, após o término das orações, era a que envolvia o soltar balões. O senhor Severino Passos nos narra como foi a primeira que aconteceu aqui, no espaço das Braúnas,

Severino Passos: [...] Que Baraúna deve muito, muito mesmo a Zé Loreço. Porque aí tinha a capelinha bem pequeninha que foi do tempo de Chico Italiano. Zé Loreço chegou, fez um terraço, onde foi também a primeira feira e ali praticava todo tipo de festa, inclusive, anunciou que ia

⁴ “[...] Por ‘hábito’ de um grupo, Bourdieu entende a propensão de seus membros para selecionar respostas de um repertório cultural particular, de acordo com as demandas de uma determinada situação ou de um determinado campo. Diferentemente do conceito de ‘regras’, o hábito tem a grande vantagem de permitir que seus usuários reconheçam a extensão da liberdade individual dentro de certos limites estabelecidos pela cultura.” BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p.34.

haver uma novena com queima de balão, vixe Maria! Só ficou em casa mulhé de resguardo, porque o resguardo naquele tempo era trinta dia, o resguardo era trinta dia, aí num podia í, né. Eu vim também, vei muita gente, o pessoal era pouco, mas o pouco que tinha vei todo. Porque custaram a acreditar como era um saco de papel, butar uma vela dentro e acender e num queimar, foi essa a razão de vim muita gente, quer dizer, foi o primeiro balão que foi soltado dentro de Baraúna.

Janielly: Mas soltava pra ele voar [...]

Severino Passos: Soltava, ele vuava, ia caí [...] uns cinco, não [...] teve um que caiu, o mais perto, com uns quatro quilometro, mas era uns cinco quilometro, lá no Seridó. Isso daí foi um sucesso, eu tava nesse dia, eu morava pertim [...]

O terraço anunciado aqui vai ser palco de muitos eventos e festas ligadas a religião, ou não. Algumas pessoas chegam a dizer ‘se aquele terraço falasse’, nos remetendo as práticas do espaço que se colocam em meio à construção da história. Neste campo de ação, convém pensarmos um pouco mais os conceitos de lugar e espaço em CERTEAU (2007),

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. [...] (p.201-202)

O terraço, nesse sentido, aparecerá como um lugar que adquirirá a partir dos sujeitos que o usam histórias plurais, dependendo também dos eventos e práticas desenroladas nele. Dessa forma, deixa de existir como simples lugar do terraço, uma extensão a mais da casa e passa a existir enquanto espaço praticado pelos sujeitos, durante os atos de sociabilidade, entretenimento.

Terraço que além de identidades, produz(iu) sensibilidades. São através delas, e de uma re-educação do olhar dos historiadores, que os sentimentos, afetividades de uma temporalidade, muitas vezes já escoada, podem ser discutidos, juntamente com os códigos e valores que fizeram parte de um cotidiano passado, de uma coletividade/individualidade. PESAVENTO (2005) nos propõe que “as sensibilidades são uma forma do *ser* no mundo e de *estar* no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada.” (p.2)

Quando, por exemplo, discutimos os namoros nas décadas de 1950 e 1960 nas Braúnas/Baraúnas, colocamo-nos diante do jogo dos sentimentos. Sejam nas alegrias ou nas tristezas, os namorados atuaram junto às sensibilidades. Nesse caso, estamos lidando com “as *sensibilidades* de um *outro tempo* e de um *outro no tempo*, fazendo o passado existir no presente.” (p.2)

Durante o ‘pano de roda’ o terraço adquiria o movimento das práticas do espaço pelos sujeitos, e atuava como produtor de sensibilidades. Mas o que é afinal, o pano de roda? Vejamos a narrativa,

Severino Passos: Aí ele anunciava, por exemplo, domingo, domingo vai haver, sábado vai haver um pano de roda aqui. O pano de roda, vamos supor que o rapaz, trabalhasse no espetáculo, aí saía do espetáculo, aí formava um pra ele, mas era pobre, num tinha, então ele formava com um pano de roda, arruando assim.

Janielly: Era como se fosse um circo pequeno, é isso?

Severino Passos: Pronto, era o que era mesmo, mas tinha o nome de pano de roda.

Práticas que começam pelos próprios montadores do espetáculo, que se utiliza do possível a sua volta para se constituir enquanto artista perante um público. E que prosseguem junto com público, morador do povoado e regiões circunvizinhas, que por não saber como se utilizava do espetáculo, ou por não ter condições financeiras naquele momento, usa do que se coloca a sua volta, recorrer ao senhor Zé Lourenço. De acordo com Severino Passos,

Então, quando o povo chegou, eu não sabia, porque o cantador você chega bota o dinheiro ali, mas, o espetáculo era um cabra do circo, o cabra tem que pagar a entrada né, aí chegou um cara que não pude capturar quem foi. Aí disse:

_ Zé Lourenço, pia ali, aquele povo todim, com vontade de entrar mas não tem dinheiro, porque não sabia que era pra pagar.

Zé Lourenço chegou com aquela humildade dele, eu tava bem pertim, eu já tinha comprado a entrada. E disse:

_ Nego, quanto você quer pra abrir, essa porteira pro povo entrar?

Era de vara como uma porteira.

_ Quanto é que você quer pra abrir essa porteira pesse povo entrar.

Aí o cara disse:

_ X.

Ele disse:

_ Pode abrir.

Pagou. Aí entrou o povo todim. Não teve onde os artistas trabalhar. (risos) E chegou o cara:

_ Seu Zé Lourenço vê se agora o senhor dá um jeito, os homem agora num pode mais trabalhá não, o povo entrou todim.

Ele chegou e disse:

_ Nego, tire esse pano, enrole esse pano.

Ele disse:

_ Não senhor, eu recebi o dinheiro prá entrar, esses que tão fora.

_ Quanto é que você quer pra enrolar esse pano.

Ele disse:

_ Tanto.

_ Pode enrolar.

Aí entrou o resto do povo todo, ficou ao ar livre e os artista, que era, parece que era quatro artista, fastou o povo, organizou, aí ficaram conhecendo o pano de roda.

Diante dos universos de trabalhos que se colocam no cotidiano, existem espaços que se colocam por outra lógica de vivência, abertos as venturas e desventuras do possível e da criatividade, o lazer. Como preencher este tempo? Com o que nós é dado a cada dia, nos jogos das relações sociais e culturais, de uma comunidade, de uma coletividade, numa determinada temporalidade.

No caso do ‘pano de roda’, que conhecemos atualmente como o espetáculo circense, este veio a encantar a maioria população, que não havia ainda tido contado com este espaço de lazer. Neste campo de ação, o pano de roda se colocara como um pequeno circo de variedades a promover sensibilidades junto à comunidade que assistira. MAGNANI (2003) nos chama a atenção para percebermos que, “Os circos de ‘variedades’ são os mais pobres, e o espetáculo que oferecem consiste em alguns números de malabarismo, contorcionismo, mágicas, bailados e pequenas representações cômicas.” (p.31)

Com relação ao nos proposto por MAGNANI, tendo como referência o pano de roda aqui trazido pelos relatos de memórias, concordamos na descrição elencada, apenas com uma ressalva muito importante, a pobreza. Se pensarmos em termos financeiros a pobreza era evidente; todavia, se tomarmos como referência os signos culturais propostos, os usos do fazer o encantamento junto ao público, esta teoria vai por água abaixo, principalmente se pensarmos o espaço e a temporalidade em questão.

No que concerne as narrativas orais de memórias, fonte primordial ao nosso trabalho, é importante observar que nelas confluem temporalidades diferentes, que são negociadas no ato do narrar e podem propor um discurso que de acordo com os usos, pode se colocar como História Oral. Como nos atenta ALBUQUERQUE JR. (2007), “a experiência estabelece o passado e o presente e a relação entre eles; estabelece a representação do passado que é convocada pelos quadros sociais do presente.” (p. 202).

Neste âmbito, percebemos o conceito de experiência manuseado nestas reflexões, a partir de LARROSA (2004), quando este nos alerta a observarmos que “é experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece e ao nos passar nos forma e nos transforma.” (p.163).

As narrativas orais, enquanto experiências criam relações entre o passado e o presente. Na medida em que o sujeito é transformado pelas experiências que vivenciou e vivencia, não pode narrar o passado como ‘realmente foi’⁵, e por isso suas narrativas não devem ser apreendidas como ‘a verdade’, mas como possibilidades de análises.

Deste modo, diante dos propósitos da pesquisa, da temática que nos propomos a analisar, e ainda diante do dilema de utilizar entrevistas temáticas ou de histórias de vida, optamos por ambas, partindo do princípio que:

As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. (ALBERTI, 2005: 37-38)

Acreditamos que nesta pesquisa houve e há cruzamentos necessários entre estes dois tipos de entrevistas, o que favoreceu a produção do presente trabalho. Neste âmbito, para podermos refletir essas narrativas na nossa escrita, elas foram transcritas, o que transforma o oral em escrito. Neste momento de passagem, devemos ter cuidado para não deixar de lado, as sensibilidades das emoções e dos gestos apontados durante a entrevista.

Por fim, coloco uma pausa nessa discussão, e não um ponto final, nos remetendo a um conceito primordial ao nosso metier. Proponho este conceito com a minha pesquisa, mas utilizo do pensamento de ALBUQUERQUE JR. (2007):

A História seria movimento, seria ação criativa, invenção constante de novos lances, mesmo que seus sujeitos estejam limitados por regras, por normas, tenham que obedecer a regulamentos. A História é possível porque os homens, mesmo limitados por um dado contexto, por um conjunto de regras e prescrições, mesmo atuando em um espaço e um tempo delimitados, são

⁵ “Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação.” ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, 2005. p. 167.

capazes de driblar a potência do mesmo e a imposição da repetição e criar o diferente, a novidade, de produzirem a surpresa e o inesperado. (p.173)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de historia oral**. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 13.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. (orgs.) **Festa: Cultura & Sociabilidades na América Portuguesa**, Volume II. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: _____. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Tradução de Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: Cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 67-75.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2005, [En línea], Puesto en línea el 04 febrero 2005. URL: <http://nuevomundo.revues.org/229> Consultado em 22 de agosto de 2010.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú**: Trajetórias do gênero, masculinidades..., 1998 (11). p. 89-98.

SILVEIRA, Paulo Webber da. **Guia dos namorados**. São Paulo: Prelúdio, n/d.